

## **MEMORIAL**

### **Adriano da Silva**

Olá! Eu me chamo Adriano da Silva. Vou me apresentar e dividir um pouco da minha jornada. Eu sou filho do Seu Alcides e da Dona Maria, desde 1986, alguns anos depois que eles vieram tentar a sorte no Rio de Janeiro, cada um buscando uma vida melhor e fugindo das dificuldades que enfrentavam no sertão da Paraíba. Ele trabalhou como ajudante de obras, na construção de prédios nos quais nunca pôde entrar. Ela trabalhou como empregada doméstica e babá, cuidando de lares aos quais não pertencia. Quando eles se conheceram, se apaixonaram e decidiram viver juntos, foram morar na Vila Operária, favela localizada em Duque de Caxias, RJ, local onde eu nasci, cresci, e morei até os 33 anos. Dona Maria nos deixou quando eu tinha 12 anos, mas me legou como herança valores incríveis. O principal deles, penso eu, foi a capacidade de seguir, de desejar e de ter fé para conquistar um bom futuro, valores que o Seu Alcides seguiu reforçando, com muita generosidade, compromisso e carinho.

Essa pequena introdução, de tom bastante pessoal, revela-se importante porque é impossível escrever sobre o que veio depois sem rememorar-la. E, com isso, fazer jus ao provérbio africano que diz “quando não souberes para onde ir, olha para trás e saiba pelo menos de onde vens”. E para onde quero ir? Para um futuro bom, com ética, afeto e, principalmente, coragem.

Como Educação foi um valor fundamental que meus pais sempre me passaram (e cobraram), o percurso foi o seguinte: depois dos anos de escola, em Duque de Caxias, vieram quatro anos na faculdade de Biblioteconomia, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Durante a faculdade tive a oportunidade de fazer alguns estágios em bibliotecas e centros de documentação. Uma destas experiências foi no Museu da Vida (COC/Fiocruz), em 2005. Ali aprendi a catalogar, fazer referências, atender pesquisadores, estudantes, jovens e adultos. Foi meu primeiro contato com a área da saúde, e a primeira vez que eu entrei na Fiocruz. Outros tantos estágios vieram em seguida, e em diferentes áreas, embora houvesse alguma prevalência no campo da saúde.

Em 2008, já formado como bibliotecário, trabalhei por um período de seis meses na Biblioteca de Saúde Pública, do Ictict, em um contrato temporário. Uma experiência muito marcante! Aprendi o ofício de bibliotecário junto com uma equipe que pacientemente me ensinou tudo que podia: indexação de documentos, comutação bibliográfica, o fascinante e gigantesco mundo das fontes de informação. Atendia professores, pesquisadores, mestrandos e doutorandos, que também dispunham de muita generosidade nas diversas conversas que tivemos. A experiência me deixou com mais desejo de aprender mais, e então tive a oportunidade de cursar a Especialização em Informação Científica e Tecnológica em Saúde, no Ictict (ICTS). Não é exagero dizer que essa especialização foi um dos maiores divisores de águas do meu percurso profissional, posto que a exigência do curso, focado na formação de especialistas críticos, possibilitou uma leitura de mundo totalmente diferente da que eu tinha. Mais uma vez a educação movendo as estruturas da minha vida!

Nesse período, e com o fim do meu contrato na Biblioteca de Saúde Pública, a minha orientadora no ICTS — minha querida professora Cícera Henrique — me convidou para atuar como bolsista em um projeto desenvolvido pelo LICTS em parceria com o CDTS, sobre enfrentamento de doenças negligenciadas, onde fiquei por pouco mais de um ano, entre 2009 e 2010. Dessa vez foi o momento de desbravar o mundo da pesquisa científica, aprender métodos, teorias, escrever *papers*, entender a comunicação científica, disseminar ciência. Foi uma experiência que me fez desejar o mestrado e o doutorado.

Em 2010 precisei sair do projeto para atuar em uma oportunidade profissional fora da Fiocruz. Neste período trabalhei em um projeto na Petrobras, fui servidor na Prefeitura do RJ, depois na Uerj, onde atuei em duas bibliotecas. Só retornei à Fiocruz anos depois, em razão da aprovação no concurso público de 2010, com convocação feita em 2013. Fui designado para trabalhar no Claves/Ensp (Centro Latino-Americano de Estudos sobre Violência e Saúde, mais tarde Departamento de Estudos sobre Violência e Saúde Jorge Careli). O período de trabalho no Claves foi de bastante aprendizado. Estive à frente do Núcleo de Informação e Documentação Cecília Minayo, a biblioteca do Claves (NID/Claves). Uma biblioteca pequena, que funciona como centro de documentação, com foco na preservação da memória do departamento e atendimento às demandas de seus pesquisadores e orientandos. No

NID/Claves foi responsável pela Biblioteca Virtual Temática sobre Violência e Saúde (BVS Violência e saúde), que integra o conjunto de BVSs Fiocruz.

Trabalhar com a temática da violência e saúde possui um caráter “agridoce”. Um tema que traz em si muita brutalidade, ao mesmo tempo que demanda sensibilidade de quem o encara. Um tema que toca diretamente em experiências correntes na vida das pessoas. Em muitos documentos com os quais trabalhava, pude constatar os desdobramentos das desigualdades e iniquidades sociais. Naquela ocasião, em 2013, me parecia que novas expressões de violências estavam se evadindo do mundo físico para se embrenhar também no mundo digital, em mídias sociais como Facebook, Instagram e Twitter, entre outras.

Assim, me inscrevi no Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS/Icict), onde seria possível conjugar a temática da violência e saúde, que me interessava, com o campo da comunicação e informação, área de meus interesses acadêmicos. No processo de refinamento e construção do objeto de estudo, explorei a questão da violência homofóbica no Facebook. Estudar este tema tem uma dimensão pessoal muito grande, pelo fato de ser um homem Gay. O processo de construção da pesquisa me trouxe mais do que um título de mestre. Tratou-se de um processo também de educação política, de consciência e afeto por uma causa e por um campo, em perspectivas tanto pessoais como profissionais.

O fruto deste trabalho foi a dissertação “Homofobia e internet: identificação de expressões de violência homofóbica em comunidades virtuais”, defendida em 2016. Nela, pude entender um pouco os mecanismos discursivos usados para “justificar” o ódio a pessoas como eu, em diferentes espaços, como família, religião, escola, entre outros. O processo de endurecimento conservador autoritário começava a sombrear a política naquele momento, o que acabou rendendo algumas análises importantes. Contudo, a dissertação também foi muito bem-sucedida em me trazer mais inquietações, o que me levou ao desejo de fazer o doutorado.

Os quatro anos de doutorado resultaram na tese “Violência LGBTIfóbica na comunicação digital: representações do jornalismo, redes sociais online e perspectivas inclusivas”, defendida em 2021 (durante a pandemia de Covid-19). Nela, analisei os sentidos utilizados pelo jornalismo digital, e como a LGBTIfobia era instrumentalizada a partir de duas comunidades virtuais situadas no Facebook. Entender como palavras geram sentidos que

cristalizam preconceitos e “autorizam” a perpetração de violências contra grupos minorizados em função da sua sexualidade e gênero foi essencial para compreender a magnitude da LGBTIfobia. Estas duas análises foram a base para a produção de dois artigos: “A violência homofóbica no Rio de Janeiro a partir do jornalismo digital”, publicado na Revista Interface, e “LGBTI+fobia virtual: notas sobre uma etnografia em comunidades virtuais no Facebook”, publicado na Reciis.

Durante os quatro anos de doutorado pude amadurecer a discussão e integrá-la a estudos realizados no Claves/Ensp, como a pesquisa “Violência na comunicação digital: análise dos discursos e práticas disseminadas na internet sobre homofobia, autoperpretação de violências, cyber dating abuse e cyberbullying”. Já com o título de doutor, quis adensar o conhecimento sobre o uso da informação e da comunicação na saúde, investindo em pesquisas sobre comunicação e informação para o enfrentamento das violências e outros determinantes que afetam a saúde das pessoas.

Esse investimento deu corpo a quatro projetos de pesquisa coordenados por mim: “Projeto de reestruturação e atualização do Núcleo de Informação e Documentação do Departamento de Estudos sobre a Violência e Saúde Jorge Careli (NID/Claves; Chamada FAPERJ para apoio e manutenção de acervos, 2021); “Competência em informação no enfrentamento da desinformação e da propagação de discursos de ódio: proposta de produção e implementação de curso autoinstrucional” (Chamada universal do CNPq, 2022); “A violência digital no ambiente escolar como questão de saúde pública: elementos para a construção de uma política informada por evidências” (Chamada Evidências em saúde, CNPq, 2023); “Educação em informação no enfrentamento ao uso indevido das redes sociais digitais: construção de diálogos e instrumentos junto a mães, pais e pessoas responsáveis por crianças e adolescentes” (Chamada Inova Ideias inovadoras, 2024).

Além destes, tenho tido o privilégio de participar de outros projetos coordenados por ilustres colegas, dentre os quais “Violência política de gênero, discursos de ódio e desinformação em interface com a saúde”, financiado pelo programa de fomento à pesquisa da Ensp, e no qual sou coordenador adjunto. Também sou integrante do projeto “Migração, saúde e violências: experiências de trabalhadores/as migrantes e refugiados/as no Rio de Janeiro”.

Pesquisar formas de enfrentamento das violências e males que acometem pessoas em situação de vulnerabilidade tem sido o mote da minha trajetória acadêmica. Uso, talvez de forma ingênua, embora genuína, a ideia de que as pesquisas em saúde devem servir para curar e/ou amenizar os males da sociedade.

Paralelamente à minha formação e produção enquanto pesquisador, meu trabalho também envolve experiências de gestão. Em 2022 tive a imensa honra e privilégio de retornar à equipe da Biblioteca de Saúde Pública, no Icict, como chefe do setor. A honra e o privilégio também são justificados pela equipe com a qual tenho tido a sorte de trabalhar. Lidar com as dificuldades do cotidiano da gestão, longe de serem um fardo, tem sido uma jornada de experiências importantes. Vivências que exigem paciência, determinação, capacidade de articulação e diálogo — habilidades que, a meu ver, formam um bom gestor.

Acredito que os bons desafios de gestão, como os que tenho tido na minha experiência como chefe da Biblioteca de Saúde Pública, têm alavancado e estimulado o desejo de seguir além, com maturidade, determinação e coragem. Algo que encontrou um lugar especial na oportunidade de me candidatar ao cargo de Diretor do Icict, instituto ao qual eu deposito um imenso carinho e admiração, pelas experiências profissionais que me proporcionou e pela educação que me possibilitou.

A decisão de me candidatar surgiu a partir de um processo de discussão coletiva que tomou lugar na unidade entre o final de 2024 e o início de 2025. Que futuro queremos construir juntos para o Icict? Um grupo de voluntários decidiu mobilizar outros trabalhadores em torno dessa pergunta. Foram muitas conversas, reuniões, debates. Até que, em dado momento, aflorou a ideia de ser eu o candidato a gerir a unidade pelos próximos quatro anos. Por ter nascido nesse contexto, nessas condições e neste momento histórico, sinto que minha candidatura implica uma responsabilidade grandiosa. Ao mesmo tempo, a decisão e o desejo de ser diretor do Icict só existe graças à trajetória que descrevo desde a primeira linha deste memorial. É porque acredito nessa trajetória, acredito nas pessoas que dela participaram e participam e, principalmente, porque acredito e confio no Icict, que reitero, com muita alegria, minha candidatura ao cargo de Diretor, para o quadriênio 2025-2029.